

**CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
COM A LINHA DE SOMBRA
30 de Novembro de 2024**

JACQUES RIVETTE, LE VEILLEUR / 1990

Primeira Parte: Le Jour

Segunda Parte: La Nuit

Um filme de Claire Denis e Serge Daney

Realização: Claire Denis / Colaboração: Serge Daney / Direcção de Fotografia: Agnès Godard / Som: Jean-Pierre Laforce / Montagem: Dominique Auvray / Com: Jacques Rivette, Serge Daney, Bulle Ogier, Jean Babilée, Jean-François Stévenin, etc.

Produção: La Sept – Arte / Produtores: Janine Bazin e André S. Labarthe, para a série *Cinema, de Notre Temps* / Cópia: DCP, colorida, falada em francês, com legendagem electrónica em português / Duração: 124m / Inédito comercialmente em Portugal / Exibido na Cinemateca em Abril de 2008, integrado no programa da retrospectiva *Jacques Rivette – O Segredo Por Trás do Segredo*.

Para todo o admirador de Jacques Rivette que se preze, este filme é uma preciosidade. Aliás, para todo o admirador de Serge Daney também. E isto sem menosprezo para Claire Denis, a realizadora, que entretanto (de 1990 para hoje) se tornou numa figura mais importante no cinema francês do que era então – mas de facto, é em torno de Rivette e Daney que o filme gira, são eles os “corpos e as almas” de um filme que, buscando em primeira instância uma “identificação” do primeiro (o “segredo por trás do segredo” do que é, ou de quem é, Jacques Rivette), se transforma, por acumulação, num testemunho brilhante do brilhante espírito que era Serge Daney (que como sabemos morreria dois anos depois, em 1992).

Contou André S. Labarthe que foi o próprio Rivette, logo na primeira conversa que ele e Janine Bazin tiveram com o cineasta a propósito do episódio de *Cinema, de Notre Temps* que sobre ele queriam fazer, quem sugeriu o nome de Serge Daney. Mas Daney hesitou: “*je ne suis pas fou des films de Rivette*”, disse a Labarthe quando este lhe apresentou a proposta. Sem querer dizer imediatamente “não”, pediu tempo para rever a obra de Rivette. Ainda segundo Labarthe (e citamos o livro-entrevista com Thierry Lounas editado pela Capricci, esse processo de revisão foi uma espécie de revelação: “*Serge a été littéralement conquis par l’univers rivettien!*”). E aceitou a encomenda de coordenar o episódio, na condição de não ter que assumir o trabalho de realização (“*ce n’était pas son métier*”). Os dois, Labarthe e Daney, chegaram em conjunto ao nome de Claire Denis, que lhes pareceu apropriada por todas as razões e mais uma: tinha trabalhado como assistente de Jacques Rivette.

E o filme é assim um longo diálogo, ou uma longa série de diálogos, entre Daney e Rivette. Há outros intervenientes, actores do “universo Rivette”, mas é curioso como (e isto, igualmente, sem qualquer menosprezo para eles) sentimos que o filme “pára” quando nos tiram da vista Rivette e Daney – é entre eles que quase tudo se passa. E isto que se “passa” anda, por vezes, perto de ser uma espécie de comédia, uma “comédia do discernimento”. Aliás, eles dois, fisicamente, formam uma dupla bastante curiosa (Daney, alto, Rivette, baixo, frágil), um contraste físico que em certos planos juraríamos que Claire Denis conscientemente explora. Mas “comédia”, ainda, na maneira como o diálogo avança, no modo como as pistas e as aproximações lançadas por Daney surpreendem e desconcertam o próprio Rivette (“que posso eu responder a isso?”), menos por que se sinta atingido no seu “segredo”, mas porque se dá

conta de que na sua obra existe mesmo um “segredo por trás do segredo”, a que mesmo ele, o autor, pode ser vulnerável, e que mesmo ele pode ser incapaz de designar e isolar com precisão. Evidentemente, e não é o menos precioso do filme, **Le Veilleur** traz todo o peso da história destes dois homens na cultura cinematográfica francesa. Rivette, o cinéfilo, e Daney, o “cine-filho” – e “cine-filho”, entre outros, de Rivette. Por aí, e muito fortemente nos momentos em que se discute a história dos Cahiers, André Bazin, os outros membros da geração de Rivette (François, Jean-Luc, Eric, quase sempre sem os apelidos), história de que Daney foi um dos primeiros e principais herdeiros, passa muita coisa de pessoal.

Rivette, o “veilleur”, e Daney, o “passeur”: dificilmente poderíamos imaginar encontro tão misterioso e tão luminoso.

Luís Miguel Oliveira